

Desporto Universitário em Portugal: novas perguntas e novas possibilidades Deporte Universitario en Portugal: Nuevas preguntas y nuevas posibilidades

*,**Fernando Santos, ***António Camilo, *António Cardoso, *Paulo Pereira

*Instituto Politécnico do Porto (Portugal), **Instituto Politécnico de Viana do Castelo (Portugal), ***Universidade do Minho (Portugal)

Resumo. O desporto universitário tem merecido uma particular atenção por parte de educadores e investigadores, tanto nacionalmente como internacionalmente, na medida que o desporto universitário é uma atividade que para além da sua missão desportiva (e.g., competitiva, cooperativa) tem também (deveria ter) uma missão social, axiológica e cultural. No entanto a análise empírica e investigativa parece demonstrar que o desporto universitário está muito ancorado na dimensão competitiva (i.e., praxis competitiva preocupada com o resultado, a eficácia, o rendimento), «esquecendo» as outras dimensões/missões. Neste contexto parece ser necessário aprofundar as especificidades do desporto universitário, nomeadamente os seus quadros organizativos e praxiológicos que levem a «bom porto» todas as dimensões que encerra e não apenas algumas. Face a estas constatações, este artigo tem como objetivo contribuir para a reflexão do significado, da importância e das possíveis intervenções (novas praxis) do desporto universitário, tentando apresentar, para tal, possíveis caminhos no sentido da promoção de um desporto universitário total na sua radicalidade humana.

Palavras-chave: treinador; politécnico; desenvolvimento humano, organizações desportivas.

Resumen. El deporte universitario ha recibido especial atención por parte de educadores e investigadores tanto a nivel nacional como internacional, ya que el deporte universitario es una actividad que además de su misión deportiva (por ejemplo, competitiva, cooperativa) también tiene (debe tener) una misión social, axiológica y cultural. Sin embargo, el análisis empírico e investigativo parece demostrar que el deporte universitario está muy anclado en la dimensión competitiva (i.e., praxis competitiva preocupada por el resultado, efectividad, rendimiento), «olvidando» las otras dimensiones / misiones. En este contexto, parece necesario profundizar en las especificidades del deporte universitario, es decir, en sus marcos organizativos y praxiológicos que llevan al «buen puerto» todas las dimensiones que encierra y no solo algunas. Ante estos hallazgos, el texto que presentamos pretende contribuir a la reflexión sobre el significado, la importancia y las posibles intervenciones (nuevas praxis) del deporte universitario, tratando de presentar, para ello, posibles caminos hacia la promoción de un deporte universitario total en su radicalismo humano.

Palabras clave: entrenador; politécnico; desarrollo humano, organizaciones deportivas.

Introdução

Quando nos situamos no contemporâneo constatamos que vivemos numa sociedade global, complexa, muito centrada na eficácia, rendimento e envolta numa nova e emergente representação humana – a técnica e a tecnologia; sem esquecer os novos normais que a crise da pandemia nos trouxe e suas implicações na saúde física e mental (Keshky, Basyouni, & Sabban, 2020; Smart, 2007; Vella, Swann, & Tamminen, 2021). A consciência e compreensão destes factos são essenciais para se precisarem os significados e operacionalização do desporto na realidade atual (Bento, 2004), e no caso que nos anima, o *desporto universitário*.

Sabemos que o desporto universitário tem ganho

preponderância nas instituições de ensino superior, englobando milhares de estudantes à escala mundial (Brunton & Mackintosh, 2017; Rathwell & Young, 2016), concretizando a sua importante missão de «...fomentar a competição, o convívio e intercâmbio de estudantes das várias instituições de ensino superior...» (Federação Académica do Desporto Universitário, 2015). Todavia, serão estes os únicos propósitos do desporto universitário? Vasconcelos-Raposo (2012) mencionou os desafios a considerar aquando da utilização do desporto na atualidade, e que no nosso entendimento também se aplicam ao desporto universitário:

Nos tempos que correm, tipificados pela crise de valores socioculturais e pelo que parece ser o esgotamento do modelo económico construído na base da acumulação desenfreada de riqueza, importa repensar o papel que as atividades desportivas podem e devem desempenhar na sociedade em geral (p.1).

De fato o desporto universitário recapitula o

Fecha recepción: 29-03-21. Fecha de aceptación: 08-11-21
Fernando Santos
fsantos@ese.ipp.pt

desporto em geral que, como sabemos, se centra quase exclusivamente na competição, no rendimento e na eficácia, fazendo parte também da indústria cultural. Também concordamos com a necessidade de um novo paradigma para o desporto, em particular para o desporto universitário. Considerar que ele se centra (quase exclusivamente) na competição, no rendimento e na eficácia é reduzir o desporto universitário a um instrumento «capitalista» e económico com um impacto reduzido ou inexistente no desenvolvimento psicossocial dos indivíduos (Brunton & Mackintosh, 2017). Adicionalmente, o desporto universitário não deve reduzir-se à realização de atividade física, tornando-se, com esta abordagem restrita, uma prática ascética (Arzu, Tuzun, & Eker, 2006; Chen, Buggy, & Kelly, 2019). Neste contexto, onde ficam as dimensões políticas – no sentido da cidadania e da participação - e com elas as lógicas de cooperação, diálogo e comunicação entre Universidades/Politécnicos? Onde ficam os momentos culturais? Sim, o desporto universitário tem e traz em si uma dimensão cultural, não fossem as Universidades e os Politécnicos centros de cultura, ou pelo menos deveriam também ser. Onde ficam as dimensões do conhecimento? O desporto universitário não pode legitimar e ficar refém da eficácia de um conhecimento científico, ele é/deveria ser (o Desporto tal como a Universidade) um campus de uma Teoria Geral do Conhecimento onde cabem e dialogam com várias formas de conhecimento. Por fim, onde ficam as questões éticas e estéticas? Estas também devem ser consideradas.

São estas constatações e a urgência de novas representações e práxis sobre o desporto universitário que nos levaram a apresentar possíveis respostas a estas questões. Para tal enfatizamos dois grandes objetivos: (a) contribuir para a reflexão do significado, e importância, do desporto Universitário; (b) apresentar potenciais medidas e estratégias a considerar futuramente, no sentido da promoção de um desporto universitário de qualidade.

O Desporto no Passado

Talvez possamos referir com todo o acerto que o desporto será uma das maiores invenções da humanidade. Com representações diferenciadas ao longo da sua história (longa e rica) o desporto hoje (no contemporâneo) apresenta-se como um *facto social total* (Bento, 2004).

Conceptualmente, o desporto, nas suas diversas

definições e significados, sempre congregou a necessidade de contextualizar um conjunto de práticas corporais à luz do seu significado social e cultural. O desporto e as suas múltiplas definições integram, igualmente, um modelo de Homem e indicadores implícitos de mudança – o que pretendemos ser e construir através do movimento. Especificamente, tem-se reconhecido a necessidade de usar o desporto como ferramenta de transformação social (Bento, 2004; Love, Deeb, & Waller, 2019; Mac Intosh, Martin, & Ewing, 2020).

Momentos Históricos

A história do desporto é ampla, rica, densa e por vezes não consensual. Apresentamos aqui alguns momentos históricos, numa cronologia que nos pode fazer vislumbrar o seu sentido. Mendell (1986) por exemplo, ao fazer uma incursão à história do desporto no início da cultura Ocidental – a Grécia Antiga como berço da Cultura Ocidental na qual estamos inseridos – refere que os primeiros Jogos de carácter propriamente *competitivo* (a competição como uma das palavras maiores do desporto) foram cunhados com o Festival Olímpico em 2700 a.C. No entanto, o seu *carácter sistematizado, regular e formalizado* emerge a partir de 776 a.C com os *Jogos Olímpicos*. A este propósito Bento (2004) refere que os jogos (i.e., os Jogos Olímpicos) à luz de princípios, valores e finalidades de divinização do homem e de humanização da vida, em nome de uma política e de uma ideologia da harmonia do corpo e da alma, eram uma prática e um símbolo de homens livres, que através dela se transcendiam e visavam o sonho de dobrar o portal de entrada no Olimpo.

Assim, com os gregos dá-se início ao embrião do desporto e com ele o culto do corpo (i.e., o corpo belo), a busca da perfeição, a competição (i.e., a dialética vitória/derrota) e a honra (Burkhardt, 1998). Alguns pensadores influenciaram estes sentidos. Por exemplo, Platão (apesar de fazer o elogio ao pensamento, ao mundo das ideias perfeitas/formas) enfatiza o movimento, o corpo, a saúde, a formação do carácter, e até a educação intelectual pelo desporto (Burkhardt, 1998). Aristóteles, por seu lado, faz um elogio à experiência, sendo a experiência corporal vista como uma forma de conhecimento. Com os Romanos, a ideia de atleta que faz competição com ética, honra e valores (coroa de louros) vai dar lugar ao gladiador no seu infinito, ao combate cheio de crueldade e à morte. «O estádio transformou-se num circo. O espiritual degradou-se na orgia da carne» (Bento, 2004, p. 21).

Na continuidade histórica, os Jogos Olímpicos irão

ser banidos pelo Imperador Teodósio, em 393 d.C., juntamente com a abolição de todos os festivais pagãos (Mandell, 1986), considerando-os degradantes que envergonhavam «a grandeza de Deus». Mais à frente, na Idade Média, a «prática desportiva» deixou de ter tanta visibilidade que parecia ter antes de Teodósio, pois o *trabalho* e a *religiosidade* passaram a ser (continuam a ser) a representação dominante, sendo o lúdico, o corpo e o movimento associados à atividade demoníaca e pecaminosa (Mandell, 1986). No entanto, no privado, os aristocratas promoviam, entre si, a atividade desportiva sob a forma de torneios e duelos (Mandell, 1986).

Com o Renascimento, emerge o recuperar dos ideais da Grécia Antiga e uma nova visão do Homem na sua individualidade, dignidade e expressão. Novos ideais éticos, estéticos e corporais são promovidos. O sentido Grego do exercício físico para a saúde/higiene, a atividade desportiva (apesar da dimensão regulamentar não ser ainda consensual), a alimentação e o cuidado com o corpo – são realidades para uma vida plena que devem ser defendidas e promovidas à semelhança do que se verifica na sociedade contemporânea (Jones & McNamee, 2000).

Já o desporto Moderno vai aparecer com o salto quantitativo e qualitativo, do iluminismo, mas também da Revolução Industrial e que vão dar um estímulo à elevação e recuperação do desporto (mais formal) e da sua prática no século XIX, sendo os Jogos Olímpicos da Era Moderna um dos maiores símbolos. Os primeiros Jogos Olímpicos de Verão decorreram em Atenas, na Grécia, em 1896. Os Jogos Olímpicos Modernos são realizados de quatro em quatro anos desde 1896, exceto em 1916 (VI Olimpíada) e em 1940 (XIII Olimpíada), que foram interrompidos devido, respetivamente, à Primeira Guerra Mundial e à Segunda Guerra Mundial. Os Jogos Olímpicos de Inverno tiveram a sua primeira edição em 1924 (Chamonix, França), ocorrendo desde essa data até ao tempo presente de quatro em quatro anos.

Esta revitalização dos Jogos Olímpicos desemboca um novo quadro intelectual com slogans como: «o importante não é vencer, é participar», «o importante é participar e superar»; «desporto como uma oficina de educação e formação, de ética e de estética» (Jones & McNamee, 2000). A partir de então (da modernidade/ e do contemporâneo) outros quadros competitivos foram estruturados. Estamos a referir-nos aos mundiais e às organizações mais regionais e continentais dos vários desportos – que têm também um cunho temporal, cultural e inclusivo – jogos de verão e de inverno, que

respondem às necessidades culturais prevalentes.

O Desporto no Presente

Recuperemos o título deste ponto: O desporto enquanto facto social total. Porque é que hoje o desporto é um facto social total? Porque *tem em si, traz em si* as dinâmicas e representação do homem do passado e do homem atual. Quando falamos do passado o desporto *tem em si, traz em si* o lúdico nas suas dimensões: brincar, jogar, competir, cooperar; mas também as suas funções cultural, política, ética e estética. Quando nos referimos ao momento atual desporto *tem em si, traz em si* esse passado mas também novas representações e dimensões do contemporâneo como: o global, o (multi)cultural, a complexidade, o económico, o técnico, o axiológico, a eficácia, o competitivo, o teológico (o religioso), a técnica e a tecnologia, a indústria cultural, a educação, a recreação, o mercado, a saúde, a integração, a finança, a inclusão, as necessidades especiais e a criação - assistimos à emergência de novos desportos de terra, ar e água, entre muitos outros aspetos como é o caso do impacto da pandemia (Bento, 2004; Whitley, 2021). De facto, o desporto contemporâneo é um bom retrato do social (Camiré & Santos, 2019). Tudo que nele existe também existe na sociedade nas suas mais diversas manifestações (Smart, 2007). *Desporto e Sociedade vivem numa dialética radical de criação e produção humanas.*

O Desporto Universitário – Sobre a sua Organização em Portugal

O Desporto Universitário em Portugal encontra-se sob a tutela do Instituto Português do Desporto e Juventude e é gerido pela Federação Académica do Desporto Universitário. A Federação Académica do Desporto Universitário (2015), equiparada a outras federações desportivas, tem como missão primordial, «...fomentar a competição, o convívio e intercâmbio de estudantes das várias instituições de ensino superior...». Adicionalmente, esta federação tem a responsabilidade de organizar competições e promover a participação dos estudantes universitários num conjunto amplo de modalidades. A promoção da ética desportiva e a disseminação de mensagens que valorizem a importância da *fair play* têm sido, concomitantemente, preocupações desta federação. Estes esforços têm procurado reverter alguns episódios de violência decorrentes das competições promovidas pela Federação Académica do Desporto Universitário. Os órgãos desta federação são compostos, na sua

generalidade, por estudantes ainda em processo de formação que, por sua vez, articulam com as associações de estudantes o desenvolvimento da prática desportiva nas instituições de ensino superior. Importa também considerar que o desporto universitário, de acordo com os dados de 2019-2020, envolveu mais de 6000 atletas e centenas de treinadores, assim como mais de 20 modalidades desportivas e diversas instituições de ensino superior espalhados pelo país (Federação Académica do Desporto Universitário, 2020).

A constatação empírica e investigativa parece mostrar-nos que, atualmente, o desporto está a ser usado, em muitos casos, exclusivamente para a obtenção de resultados, sendo que crianças, jovens e jovens adultos, que se encontram em fases sensíveis do seu processo de desenvolvimento têm sido as habituais vítimas desta lógica perversa em que o que interessa é «chegar primeiro» (Bento, 2004; López, 2015). Este facto também parece também estar plasmado no desporto universitário - necessidade emergente de alcançar resultados (Santos et al., 2021); associado também ao facto da «falta de tempo» para o referido desporto – calendários curtos e rápidos.

Para além disso, a representação presente e perpetuada na educação e na política, de que o desporto é intrinsecamente útil para o desenvolvimento individual e social, parece muitas vezes ficar no plano teórico, pois na prática a dimensão produção, rendimento e eficácia parecem levar vantagem. Este facto leva a uma certa evangelização do desporto que fica apenas no plano da «catequese», faltando-lhe uma verdadeira praxis de intervenção e mudança (Coakley, 2011).

These evangelists view sport in essentialist terms and assume that it inevitably leads to multiple forms of development, including remediation for individuals perceived to need reformatory socialization and revitalization for communities perceived to need an infusion of civic awareness and engagement. Sport, therefore, is viewed as an effective activity for solving problems and improving quality of life for individuals and society alike (Coakley, 2011, p.307).

Esta afirmação, no caso de Portugal, é facilmente suportada pelas premissas da Lei de Bases da Atividade Física e Desporto (2007) ao referir que o desporto deve servir para combater as diversas formas de discriminação e estar ao serviço da justiça social. Convém salientar que a justiça social implica um conjunto de intenções que reflitam um modelo de Homem para o século XXI (Newman et al., 2020). A ausência deste projeto pode condenar o desporto a uma mera prática ascética, iner-

te e vazia de significados consentâneos com as reais necessidades dos indivíduos na sociedade contemporânea (Camiré & Santos, 2019), levando, em muitos casos, a experiências negativas (Fraser-Thomas et. al., 2005; Nery et al., 2019).

Adicionalmente, esses objetivos ambiciosos estipulados para o desporto, plasmados na Lei de Bases da Atividade Física e Desporto (2007), não têm sido acompanhados de um investimento suficientemente robusto para que possa existir fiscalização, formação e suporte eficazes. Certos contextos desportivos, como é o caso do desporto universitário, com base nesta perspetiva, encontram-se condenados à perpetuação de práticas de uma sociedade capitalista – rendimento, competição, produção, eficácia – e onde o homem/jovem aparece mais como um corpo/máquina. Conscientes destas realidades a própria Federação Académica do Desporto Universitário (2015) refere que o desporto universitário parece encontrar-se, muitas vezes, afastado do debate das problemáticas do desporto em geral e dele mesmo, elevando a urgência de promover o desporto universitário numa perspetiva de preparação para a vida no momento da passagem pelo ensino superior e depois deste.

Como temos vindo a referir o desporto universitário pode partilhar muitas das problemáticas vivenciadas no desporto em geral, mas afetado pela urgência de procurar resultados, mais praticantes e incrementar o número de competições, aspetos essenciais para avaliar a eficácia das organizações em Portugal (Diário da República, 2018). No entanto, pode apresentar-se pouco relevante na substância e na qualidade do mesmo – as dimensões organizativas e quantitativas sobrepõem-se à substância e qualidade do mesmo. Tal realidade contribui para a criação de um nicho cultural (de forte cariz competitivo) em que a prática desportiva e o desenvolvimento positivo dos praticantes podem ser pressupostos dissociáveis de um verdadeiro espírito do desporto universitário. O desporto universitário encontra-se de facto no foco dos holofotes do resultado, da conquista e do alto rendimento, o que, convém esclarecer, aporta financiamento e fomenta valorização no quadro de valores atual (Record, 2017; Universidade Católica Portuguesa, 2021).

A Universidade e o Desporto Universitário... Humanizado

Antes de mais termos de perguntar qual a grande função e missão da Universidade (da Universidade, mas também do Politécnico). Há muitos escritos sobre a

função e a missão da Universidade. De forma simples talvez possamos dizer que ela tem uma tripla função básica: a *função educativa, cultural e científica* (Harkavy, 2006; Moscardini et al., 2020). Esta trilogia estruturante vai desenvolver o *homem educado* na sua humanidade e nos seus valores; o *homem cultural* pela criação e transformação na sua humanidade; o *homem da ciência* pelo conhecimento (preservação e divulgação do conhecimento) e pelo saber (e ser) mais. Ora, o desporto na universidade não deveria esquecer o seu passado e o seu presente, mas também, não deveria esquecer a função e missão da Universidade... e vice-versa.

Reforçando o que mencionamos previamente, uma das problemáticas que afeta o desporto universitário prende-se com a sua utilidade no desenvolvimento humano, nesse sentido, importa colocar a questão se o mesmo é indiferente a esta preocupação. Neste contexto, torna-se evidente que vivemos num período em que o desporto deve ser humanizado, revitalizado e enriquecido por abordagens e perspetivas que se centram no que pretendemos ensinar e que valores devemos privilegiar para elevar os indivíduos na e através da prática desportiva (Coakley, 2011; 2016). Estas reflexões requerem um entendimento sociológico e antropológico (Plano Nacional de Ética no Desporto, 2015a; 2015b) mas também eminentemente didático e pedagógico (Bean et al., 2018). No entanto, um discurso politicamente correto sobre o potencial inquestionável do desporto e em que todos assumimos que este só é salutar, caso se pautar por um quadro axiológico de referência, encontra-se profundamente enraizado na sociedade em Portugal (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2015).

Neste contexto podemos também enfatizar a necessidade de um «*desporto universitário*», em detrimento de um «*desporto na universidade*». O «desporto na universidade», recapitula o desporto enquanto prática competitiva preocupada somente com o rendimento e com a eficácia. Os valores, necessidades dos jovens e o potencial de mudança são aspetos considerados irrelevantes. Aliás, o foco é colocar os estudantes em movimento, desconsiderando a necessidade de humanizar essa prática. O «desporto na universidade» compadece assim, com os valores do capitalismo da sociedade atual, bem como reproduz o modelo fácil do alto rendimento, da ditadura do resultado, efémero e inconsequente (Santos et al., 2021). Por seu lado, o «desporto universitário» aporta um potencial enorme enquanto produto e produtor de cultura, de conhecimento e de relações humanas. Especificamente,

o desporto universitário deve proporcionar oportunidades para a prática de atividade física e desportiva com fins de saúde, recreação, desenvolvimento social e/ou competição, contribuindo, assim, para o desenvolvimento holístico dos indivíduos (Bartoll & Domingo, 2014). Aliás, ainda que o desporto de competição possa e deve ser inserido na oferta das instituições de ensino superior e apresente diversas potencialidades do ponto de vista do desenvolvimento, é relevante considerar outras conceções da prática desportiva, em particular as vinculadas à recreação e ocupação dos tempos livres que facilitem um contributo direto para a adoção de um estilo de vida ativo. Em outras realidades como é o caso do Canadá existe uma missão das instituições que gerem o desporto universitário orientada para o desenvolvimento holístico dos indivíduos, reconhecendo-se a necessidade de usar o desporto numa perspetiva de desenvolvimento social e proporcionar condições para que os treinadores possam desenvolver estratégias pedagógicas neste sentido (Deal & Camiré, 2016; Rathwell & Young, 2016, 2017, 2018). A generalidade da investigação no Canadá tem apontado para o facto do desporto universitário ter um contributo relevante no desenvolvimento humano. Por outro lado, no Brasil os treinadores salientam a falta de tempo e apoio das organizações como fatores que inviabilizam o desenvolvimento de esforços neste sentido (Santos et al., 2021).

Mediante estas constatações podemos colocar algumas questões: Como é (a estrutura e a substância) o desporto universitário? Ele concorre ao objetivo do desenvolvimento humano? É um espaço de todos os estudantes (a inclusão) ou apenas de uma parte (a exclusão!?). Ele está prisioneiro numa métrica quantitativa, ou responde a lógicas qualitativas e relacionais? Ele consegue dar respostas abrangentes a muitas das variáveis da sua riqueza interna? Ele consegue ajudar a Universidade a cumprir a sua função e a sua missão? Ele convoca para si as riquezas da Universidade – riquezas educativas, culturais, científicas e outras formas de conhecimento – uma teoria geral de conhecimento? Ou pelo contrário, o desporto Universitário apenas responde a algumas dimensões em particular ao rendimento, à competição e à eficácia – «coisas» da racionalidade técnica, burocrática e instrumental? Não será isso uma «coisa» pouca, uma «coisa» muito pobre? Como alargar o desporto universitário para outras dimensões que ele próprio contém e que acolha as muitas dimensões que a Universidade também contém? Uma nova dialética? Uma dialética larga, rica,

profunda?

Desporto Universitário no Futuro

Pelo exposto – pelas constatações e pelas perguntas efetuadas – o desporto universitário pode necessitar de uma nova práxis. Um desporto universitário que convoque o desenvolvimento humano. Este sentido pode passar por vários caminhos que possam responder às perguntas que efetuamos no ponto anterior. De entre algumas possibilidades de caminhos insere-se a *investigação* – e o seu potencial criador e transformador; o *diálogo* e o seu potencial sentido de argumento, bom argumento, de criação; e os projetos – enquanto novos olhares, podem ser caminhos para novas práxis.

Diversos investigadores, com especial destaque para Arnett (2000, 2004, 2014), têm salientado que os jovens adultos (18-24 anos) encontram-se, ainda, num processo de desenvolvimento acentuado, procurando encontrar motivações para a vida, estabelecer relações significativas com os seus pares, bem como desenvolver um sentido de pertença. A este propósito, num estudo efetuado por Corte-Real et al. (2008) sobre a prática desportiva de estudantes universitários refere-se:

«(...) uma percentagem muito elevada dos estudantes envolvidos declarou que, de uma forma geral, os seus amigos raramente praticavam desporto, sendo ainda mais os que referiram que os hábitos de prática desportiva dos seus familiares eram muito reduzidos ou mesmo inexistentes» (p. 227).

Esta constatação vem reforçar a importância do desporto Universitário na promoção de um estilo de vida ativo (Chacón-Cuberos et al., 2019).

Outro aspeto que pensarmos ser relevante é a importância da investigação, do diálogo entre os vários atores e da intervenção – as práxis. Torna-se necessária uma investigação que procure contribuir com propostas concretas para o desenvolvimento dos sujeitos e que convoque todas as dimensões do desporto universitário. Existe um potencial significativo na aproximação da comunidade de investigadores e docentes às associações de estudantes que reside na melhoria da qualidade das experiências dos estudantes no desporto universitário. Neste contexto, são necessários estudos que avaliem o impacto das experiências vivenciadas por treinadores e atletas no desporto universitário, assim como que procurem mapear a cultura vigente e aceder aos mecanismos que possam facilitar a formação de uma nova cultura de desporto universitário. É fundamental a recolha destas evidências para que se possam tomar

decisões informadas, do ponto de vista das políticas (i.e., objetivos e propostas pedagógicas para o desporto universitário) e da formação de treinadores.

Neste sentido, o desporto universitário representa uma importante oportunidade para concretizar a missão da mesma e viabilizar a agregação de esforços para que investigadores, docentes e estudantes possam ensaiar a criação de um *projeto desportivo* que dialogue com a necessidade de mudar o paradigma existente no desporto na atualidade, que na nossa opinião, é claramente empobrecido. Mais, as instituições de ensino superior que promovem a prática desportiva deveriam ter um papel na construção de um desporto universitário que, de forma exemplar, reflita um modelo salutar de prática desportiva. Para lá das questões mais estruturantes e organizativas - formações orientadas para as necessidades dos dirigentes e treinadores inseridos neste contexto; dos resultados desportivos; há uma outra dimensão – aquela que promova as dimensões desportivas, culturais, éticas, estéticas, relacionais/ sociais que esse desporto transporta.

Ainda neste contexto, o desporto universitário é um bom locus político – no sentido dos direitos cívicos e éticos pela participação. De facto, o desporto universitário pode contribuir para a construção da identidade, das experiências significativas, da participação, da crítica reflexiva e construtiva – quer individual, quer grupal (a comunidade).

O desporto universitário pode de facto contribuir para um maior sentimento de pertença, identificação, inclusão e, ainda, na promoção de um estilo de vida ativo. Neste sentido, percebe-se que os resultados desportivos e o desempenho não se deveriam colocar como objetivos prioritários da prática desportiva no ensino superior (Rathwell & Young, 2016, 2017, 2018). Este facto (como temos vindo a referir) parece ser diferente dos planos teóricos e das evidências empíricas. Por exemplo numa análise ao discurso da Federação Académica do Desporto Universitário (2015), constatamos que ele tem um foco assente na organização das competições e nos resultados alcançados.

Conclusões

A universidade, os seus docentes e investigadores, os treinadores, dirigentes, estudantes e praticantes de desporto, a quem se coloca a mais elevada exigência ética, moral, cultural, cívica, devem participar ativamente na construção do desporto universitário enquanto tempo e espaço de desenvolvimento humano.

Apesar deste desiderato ter sofrido uma deterioração com a produção em massa e sofrido pressões de um paradigma da métrica, do quantitativo e do desempenho Coalter (2010) há ainda um núcleo indestrutível contido no potencial do desporto universitário. A articulação entre toda a comunidade poderá resultar em transformações relevantes para os praticantes. Os processos investigativos, dialógicos e projetivos poderão ajudar o desporto universitário a cumprir a missão da universidade e, sobretudo, permitir o desenvolvimento individual e coletivo de todos. Deixamos aqui este apontamento teórico, que é, afinal, uma *tomada de consciência* para este fenómeno. A partir daqui ficamos atentos não deixando de contribuir para ajudar na concretização de novas práxis do desporto universitário.

Neste sentido, pensamos que para começar as mudanças desejáveis as palavras *diálogo, comunicação e consenso* devem estar presentes nas novas representações e práxis sobre o desporto universitário. Isto é, as associações de estudantes, treinadores, dirigentes e praticantes devem contribuir para a construção de um paradigma de desenvolvimento humano, em que o falso amadorismo não esconda uma preocupação com os resultados a todo o custo, a seriação dos atletas com altos desempenhos e (ou) exclusão dos que não conseguem, ou não desejem, esse tipo de prática. Adicionalmente, o financiamento atribuído pela tutela às associações de estudantes poderá seguir uma lógica diferente, em que o desenvolvimento humano assuma um papel preponderante, pelas dimensões qualitativas, relacionais, empáticas, de alteridade, em vez de aspetos quantitativos do desempenho. Estas considerações têm implicações para o sistema desportivo, instituições de ensino superior e demais agentes, bem como podem servir para estimular reflexão sobre o Desporto Universitário em Portugal e, eventualmente, em outros contextos socioculturais.

Financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/05198/2020 (Centro de Investigação e Inovação em Educação, inED)

Referências

Arnett, J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>

- Arnett, J. (2004). *Adolescence and emerging adulthood: A cultural approach* (2nd ed.). Upper Saddle River, New Jersey: Pearson.
- Arnett, J. (2014). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. Oxford University Press.
- Arzu, D., Tuzun, E., & Eker, L. (2006). Perceived barriers to physical activity in university students. *Journal of Sports Science and Medicine*, 5(4), 615-620.
- Bartoll, O., & Domingo, C. (2015). El modelo español de deporte en la universidad: Fundamentación, descripción y orientaciones para su gestión ética (The Spanish model of sport at university: principles, description and guidelines for its ethical management). *Retos*, 26, 128-133. <https://doi.org/10.47197/retos.v0i26.34414>
- Bento, J. (2004). *Desporto: Discurso e substância*. Lisboa: Campo das Letras.
- Brunton, J., & Mackintosh, C. (2017). University sport and public policy: Implications for future research. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 9(3), 373-376. <https://doi.org/10.1080/19406940.2017.1361460>
- Burkhardt, J. (1998). *The Greeks and Greek civilization*. St. Martin's.
- Camiré, M., Santos, F. (2019). Promoting positive youth development and life skills in youth sport: Challenges and opportunities amidst increased professionalization. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 5(1), 27-34.
- Chacón-Cuberos R., Castro-Sánchez M., Pérez-Turpin J., Olmedo-Moreno E., & Ortega, F. (2019). Levels of physical activity are associated with the motivational climate and resilience in university students of physical education from Andalucía: An explanatory model. *Frontiers in Psychology*, 10, 1-11. doi:10.3389/fpsyg.2019.01821
- Chen, Y., Buggy, C., & Kelly, S. (2019). Winning at all costs: a review of risk-taking behaviour and sporting injury from an occupational safety and health perspective. *Sports Medicine*, 5(15), 1-21. <https://doi.org/10.1186/s40798-019-0189-9>
- Coakley, J. (2016). Positive youth development through sport: Myths, beliefs, and realities. In Holt N. (Ed.), *Positive youth development through sport* (2nd ed., pp. 21- 33). New York, NY: Routledge.
- Coakley, J. (2011). Youth sports: What counts as «positive development?». *Journal of sport and social issues*, 35(3), 306-324. <https://doi.org/10.1177/0193723511417311>
- Coalter, F. (2010). The politics of sport-for development: Limited focus programmes and broad gauge problems? *International Review for the Sociology of Sport*, 45, 295-314. <https://doi.org/10.1177/1012690210366791>
- Corte-Real, N., Dias, C., Corredeira, R., Barreiros, A., Bastos, T., & Fonseca, A. (2008). Prática desportiva de estudantes universitários: O caso da Universidade do Porto. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 8(2), 219–228.
- Deal, C., & Camiré, M. (2016a). An examination of university student-athletes' motivations to contribute. *Journal of College & Character*, 17(2), 116–129. <https://doi.org/10.1080/2194587X.2016.1159227>

- Diário da República (2018). Decreto Lei nº248-B/2008. Retirado de <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/243744/details/normal?!=1>
- Federação Académica do Desporto Universitário (2020). *Plano de Atividades e Contas 2020*. Retirado de <https://www.fadu.pt/institucional/estrutura/planos-relatorios/category/relatorios>
- Fraser-Thomas, J. L., Côté, J., & Deakin, J. (2005). Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. *Physical Education & Sport Pedagogy*, 10(1), 19–40. <https://doi.org/10.1080/1740898042000334890>
- Harkavy I. (2006). The role of universities in advancing citizenship and social justice in the 21st century. *Education, Citizenship and Social Justice*, 1(1), 5-37. <https://doi.org/10.1177/1746197906060711>
- Plano Nacional de Ética no Desporto. (2015a). *Código de Ética*. Retirado de <http://www.pned.pt/media/31485/Code-of-Sports-Ethics.pdf>
- Plano Nacional de Ética no Desporto. (2015b). *Ética no desporto: Recomendações para treinadores*. Retirado de <http://www.pned.pt/media/31476/Ethics-in-Sport-Guidelines-for-Coaches.pdf>
- Federação Académica de Desporto Universitário (2015). *História*. Retirado de <https://www.fadu.pt/>
- Jones, C. & McNamee, M. (2000). Moral reasoning, moral action, and the moral atmosphere of sport. *Sport, Education and Society*, 5(2), 131–146. <https://doi.org/10.1080/713696034>
- Keshky, M., Basyouni S., & Sabban, A. (2020) Getting Through COVID-19: The pandemic's impact on the psychology of sustainability, quality of life, and the global economy – A systematic review. *Frontiers in Psychology*, 11(1), 1-12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.585897>
- Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto (2007). Decreto Lei nº5/2007. Retirado de <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/58896796/view?consolidacaoTag=Desporto>
- López, J. (2015). Reflexiones sobre el papel de la actividad física y el deporte en edad escolar en la promoción de valores. *Retos*, 2, 14-19. <https://doi.org/10.47197/retos.v0i2.35101>
- Love, A., Deeb, A., & Waller, S. N. (2019). Social justice, sport and racism: A position statement. *Quest*, 71(2), 227–238. <https://doi.org/10.1080/00336297.2019.1608268>
- Mac Intosh, A., Martin, E., & Ewing, M. (2020). Youth definitions of success, obstacles to success, and how significant others can help: Providing youth a voice in their own development. *International Journal of Adolescence and Youth*, 25(1), 491-504. <https://doi.org/10.1080/02673843.2019.1674166>
- Mendell, R. (1986). *História cultural del deporte*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- Moscardini, A., Strachan, R., & Vlasova, T. (2020) The role of universities in modern society. *Studies in Higher Education*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/03075079.2020.1807493>
- Nery, M., Neto, C., Rosado, A., & Smith, P. (2019). Bullying in youth sport training: A nationwide exploratory and descriptive research in Portugal. *European Journal of Developmental Psychology*, 16(4), 447-463. <https://doi.org/10.1080/17405629.2018.1447459>
- Newman, T., Lower-Hoppe, L., Burch, M., & Paluta, L. (2021). Advancing positive youth development-focused coach education: Contextual factors of youth sport and youth sport leader perceptions. *Managing Sport and Leisure*, 26(4), 326-340. <https://doi.org/10.1080/23750472.2020.1766760>
- Rádio Televisão Portuguesa (2018, 21 de abril). *Violência marca a final do campeonato universitário de futebol*. Retirado de https://www.rtp.pt/noticias/desporto/violencia-marca-a-final-do-campeonato-universitario-de-futebol_v1071472
- Rathwell, S., & Young, B. (2016). An examination and validation of an adapted youth experience scale for university sport. *Measurement in Physical Education & Exercise Science*, 20(4), 208–219. <https://doi.org/10.1080/1091367X.2016.1210152>
- Rathwell, S., & Young, B. (2017). Describing aspects of self and social agency related to Canadian university athletes' life skill development. *PHENex*, 8(3), 1-14.
- Rathwell, S., & Young, B. (2018). Coaches' perspectives on personal and psychosocial development in university sport. *International Sport Coaching Journal*, 5(1), 1-13. <https://doi.org/10.1123/iscj.2017-0018>
- Record (2017, 13 de março). *Vitória para a Universidade do Porto*. Retirado de <https://www.record.pt/modalidades/desporto-universitario/detalhe/vitoria-para-a-universidade-do-porto>
- Santos, F., Rathwell, S., Trindade, A., Lima, R., Gobbi, V., Gaion, P. (2021). Brazilian coaches' role in facilitating positive development through university sport. *Retos*, 40(1), 186-197. <https://doi.org/10.47197/retos.v1i40.82353>
- Smart, B. (2007). Not playing around: Global capitalism, modern sport and consumer culture. *Global Networks*, 7(2), 113-134. <https://doi.org/10.1111/j.1471-0374.2007.00160.x>
- Universidade Católica Portuguesa (2021). *Mais uma vitória da Católica Porto no desporto universitário*. Retirado de <https://www.udip.porto.ucp.pt/pt/central-noticias/mais-uma-vitoria-catolica-porto-no-desporto-universitario>
- Vasconcelos-Raposo, J. (2012). Num desporto com valores: Construir uma sociedade mais justa. *Motricidade*, 8(2), 1-7. [https://doi.org/10.6063/motricidade.8\(2\).707](https://doi.org/10.6063/motricidade.8(2).707)
- Vella, S, Crowe, T, & Oades, L. (2013). Increasing the effectiveness of formal coach education: evidence of a parallel process. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 8, 417–430. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.8.2.417>
- Vella, S., Swann, C., & Tamminen, K. (2021). Reflections on the field of mental health in sport: Critical issues and ways of moving forward. *Journal of Applied Sport Psychology*, 33(1), 123-129. <https://doi.org/10.1080/10413200.2020.1854898>
- Whitley, M. (2021). Using behavioral economics to promote positive youth development through sport. *Journal of Sport Psychology in Action*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/21520704.2021.1883783>